



Relações raciais: uma questão para psicanálise?

Racial relations: a question for psychoanalysis?

Kwame Yonatan Poli dos Santos

ORCID: 0000-0003-3043-2202

Pontifícia Universidade Católica - São Paulo, Brasil

Resumo

O presente texto é um diálogo entre o campo psicanalítico e o das relações raciais. Começa com um encontro clínico imaginário entre Freud e Fanon sobre como o dispositivo analítico pode escutar à diferença, o estrangeiro que nos habita. Em seguida, realiza-se um pequeno percurso sobre a história da psicanálise brasileira e a presença negra, dando ênfase às obras de Neusa Santos Souza. Por fim, discorreremos sobre o aprendizado da escuta das singularidades pelo olhar.

Palavras-chave

Psicanálise. Relações raciais. Colonialismo. Filosofia da diferença.

Abstract

This text is a dialogue between the psychoanalytic field and that of race relations. It starts with an imaginary clinical encounter between Freud and Fanon about how the analytical device can hear the difference, the foreigner that inhabits us. Then, a short journey is made on the history of Brazilian psychoanalysis and the black presence, emphasizing the works of Neusa Santos Souza. Finally, we talk about learning to listen the singularities with the eyes.

Keywords

Psychoanalysis. Race relations. Colonialism. Difference philosophy.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.25 n.44
Jul/dez 2020
e-ISSN: 2179-8001

Prólogo - Freud¹ e Fanon², um encontro clínico

- Como escutar à diferença, Sigmund?
- É o estranho familiar (Unheimlich), Frantz.
- O que, Sigmund?
- O encontro com a diferença é um retorno ao inconsciente: "lá onde isso era, devo eu advir" (wo es war soll ich werden).
- O colonialismo é o grau mais alto de ressentimento na história da humanidade, o nível mais baixo da vontade de potência, de modo que a violência colonial visa impedir o eterno retorno transformando a diferença em hierarquias racializadas.

-Sim, no entanto, é preciso escutar a fantasia do racismo na sua dimensão inconsciente: "Entre os derivados dos impulsos pulsionais do inconsciente, do tipo que descrevemos, existem alguns que reúnem em si características de uma espécie oposta. Por um lado, são altamente organizados, livres de autocontradição, tendo usado todas as aquisições do sistema Consciente, dificilmente distinguindo-se, a nosso ver, das formações daquele sistema. Por outro, são inconscientes e incapazes de se tornarem conscientes. Assim, qualitativamente pertencem ao sistema pré-consciente, mas factualmente, ao inconsciente. É sua origem que decide seu destino. Podemos compará-los a indivíduos de raça mestiça que, num apanhado geral, se assemelham a brancos, mas que traem sua ascendência de cor por uma ou outra característica marcante, sendo, por causa disso, excluídos da sociedade, deixando de gozar dos privilégios dos brancos." (FREUD, 1976 [1915], p. 99)

-As fantasias de violência e hiperssexualização sobre a negritude mascara projeções coloniais que visam fazer a manutenção do privilégio branco. Dessa forma, projeta-se a irracionalidade do racismo na população negra, a pele alva permanece imaculada e a pele negra um alvo de toda violência colonial. Nada mais traumático que o encontro repetitivo com a incoerência colonial, assim "uma criança negra normal, tendo crescido no seio de uma família normal, ficará anormal ao menor contacto com o mundo branco" (FANON, 2008, p. 129).

1. Relações raciais, uma questão psicanalítica?

O campo das relações raciais é uma questão para a psicanálise? O que a psicanálise tem a contribuir com o campo das relações raciais e vice-versa? O presente texto nasce desse diálogo entre a psicanálise e o campo de estudo das relações raciais.

Em uma frase: a psicanálise é um estudo clínico sobre o inconsciente. A pesquisa sobre o inconsciente não é descolada daquele que o pesquisa, pelo contrário, a psicanálise é um estudo transdisciplinar, onde não há separação entre sujeito e objeto, isto é, em que a implicação subjetiva se faz absolutamente necessária para o entendimento daquilo ao qual se pesquisa.

1- Sigmund Freud, médico psiquiatra branco e criador da psicanálise.

2- Psiquiatra negro martinicano, pensador das relações raciais, psicanálise, saúde mental e escreveu de "Peles negras, máscaras brancas", "Condenados da Terra", entre outras obras.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.25 n.44
Jul/dez 2020
e-ISSN: 2179-8001

Supor alguma neutralidade em relações raciais é falar de branquitude³, na psicanálise, por sua vez, é um equívoco teórico, com desdobramentos clínicos e políticos. Tendo em vista que ler Freud, Fanon, Lacan, Winnicott, Lélia Gonzales e Neusa Santos Souza nos permite estar com uma escuta precavida, no entanto, devemos continuamente nos perguntar sobre nossa posição: desde onde consigo escutar? Desde onde avalio? Com quais valores?

Nesse sentido, clínica e política são indissociáveis, e a psicanálise trata da política do desejo do sujeito, atuando nos processos de subjetivação presentes no campo social, uma vez que política é o campo de forças

Retenho de Foucault essa ideia simples de que o poder, ou a governamentalidade, age não tanto na base do comando vertical e despótico, mas do monitoramento do meio, não necessariamente fixando o que se deve fazer e o que não se pode (embora também isso esteja presente, e quanto!), mas estabelecendo o campo das possibilidades, a latitude das condutas. Trata-se da ação sobre ação, ou da interferência na margem de manobra, na delimitação do que é possível e do que é impensável, restringindo-nos ao que nos aparece como possível.(PELBART, 2019, p. 103)

Nesta perspectiva, age nesse horizonte desejante, “justamente essa fronteira que nos cabe deslocar, entre o possível e o impossível” (PELBART, 2019, p. 103), de maneira a analisar os dispositivos de poder que agem em nós, levando-nos acreditar que a realidade perpassada pela violência colonial sempre foi assim.

Para iniciar, é preciso saber onde estamos posicionados tanto no campo das relações raciais como no do inconsciente: como trazer à tona um conhecimento que, de tão íntimo está à flor da pele? Como xs psicanalistas brancxs podem, e devem, analisar sua experiência de racialidade?

Para isso é necessário possibilitar a emergência da vivência das relações raciais que de tão recalcada encontra-se à flor da pele, portanto, falaremos de uma profundidade na pele, a epidermização das posições coloniais que nos ensina Fanon (2008).

Nessa perspectiva, tal qual a escrita de Fanon, convocarei a implicação de todxs. Isso significa que eu vou trazer até onde conseguir uma parte dessa conversa e a outra farão xs leitorxs, ou não.

1.1. Psicanálise e o trauma colonial

A colonialidade é um incêndio que ainda queima, um incêndio que já queimou pessoas, culturas, saberes e, principalmente, modos de existir. Como diz Kilomba(2019b), a colonialidade é uma ferida que nunca foi tratada. Uma ferida que dói sempre, por vezes infecta e outras vezes sangra. Por que ainda dói? Por que ainda sangra?

3- Conceito criado pela poeta e escritora tatiana nascimento, ver em: <https://www.instagram.com/branquitude/>

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.25 n.44
Jul/dez 2020
e-ISSN: 2179-8001

Em uma entrevista, perguntaram ao Malcom-X se ele via progressos na luta contra o racismo, ele disse veementemente que não, pois “se você enfia 9 polegadas de uma faca nas minhas costas e tira 6, não há progresso. Progresso é curar a ferida feita pela facada e sequer começamos a tirar a faca, quanto mais curar a ferida. Nem se admite que a faca está lá”⁴.

Eis o estágio do trauma que estamos, tempo da perpetuação do incêndio, tempo do perpétuo absurdo: João Pedro, Emily, Rebeca etc⁵; só para recordar algumas crianças negras mortas por ações policiais, em 2020, dentro das suas casas durante a pandemia do Covid-19.

A colonialidade é um regime de poder, logo, é preciso saber o que ele produz, onde atinge, uma vez que o poder não é só repressivo, ele produz subjetividades, isto é, faz ver, sentir, afetar, falar, ou seja, produz valores.

A ferida do trauma colonial continua aberta pois nem ao menos temos um reconhecimento de que ela existe, por isso o traumático se repete no presente

Fanon utiliza a linguagem do trauma, como a maioria das pessoas negras o faz quando fala sobre a experiência cotidiana do racismo, indicando o doloroso impacto corporal e a perda característica de um colapso traumático, pois no racismo o indivíduo é cirurgicamente retirado e violentamente separado de qualquer identidade de que ele/ela possa realmente ter. Tal separação é definida como um trauma clássico, uma vez que priva o indivíduo de sua própria conexão com a sociedade inconscientemente pensada como branca: “Senti nascer em mim lâminas de aço” (KILOMBA, 2019b, p. 39)

A linguagem do trauma em Fanon é a linguagem da intensidade, dos afetos sobre a ruína colonial. Nesse sentido, o racismo é uma atualização do trauma colonial, visto que é uma ferramenta de manutenção das relações de poder. A ferida colonial não para de sangrar, pois a sua cicatrização não é individual, mas a ser realizada por todo campo social.

A principal sequela da colonialidade para as pessoas negras é no âmbito da política do desejo: a epidermização da inferioridade (FANON, 2018), em que a contínua exposição à violência colonial, produz uma dupla injunção: almejar os ideais da branquitude e o cultivo do auto-ódio a tudo que remete às características negras (SOUZA, 1983).

Por outro âmbito, por mais que muitas pessoas brancas se vejam neutras na discussão de relações raciais, a crença na neutralidade é o reflexo de uma relação de poder hierarquizada, fruto de uma tripla ignorância em que: não se sabe, não se precisa saber e não se pode saber sobre os privilégios brancos (KILOMBA, 2019b).

4- <https://www.instagram.com/p/CG8C0ydHNSn/>

5- Em 2020, no Estado do Rio de Janeiro até início de dezembro de 2020, 12 crianças foram assassinadas: <https://lunetas.com.br/necroinfancia-criancas-negras-assassinadas/>

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.25 n.44
Jul/dez 2020
e-ISSN: 2179-8001

A branquitude é uma política da ignorância (KILOMBA, 2019b), uma paixão (patos) pela ignorância, uma função egóica de desconhecimento, por isso que é frustração na essência, pois é lá onde se reside o saber, é a neurose racial brasileira (GONZALES, 1983); uma ignorância investida, alimentada pelo funcionamento do traumático da colonialidade que nos cerca e envolve, é o avesso do desejo de saber.

Assim, também se desumanizam as pessoas brancas, pois como diz o escritor James Baldwin, no filme “Eu não sou seu negro” (2016), não é possível discriminar, invisibilizar, humilhar, xingar, encarcerar e escravizar alguém sem se tornar algo monstruoso.

1.2 Enegre-ser da psicanálise brasileira

Comemoramos hoje 120 anos de abolição da escravatura negra no Brasil. Abolição da escravatura quer dizer aqui fim de um sistema cruel e injusto que trata os negros como coisa, objeto de compra e venda, negócio lucrativo para servir à ambição sem-fim dos poderosos. Abolição da escravatura quer dizer libertação. Mas será que acabamos mesmo com a injustiça, com a humilhação que o conjunto da sociedade brasileira ainda nos trata? Será que acabamos com a falta de amor-próprio que nos foi transmitida desde muito cedo nas nossas vidas? Será que já nos libertamos do sentimento de que somos menores, cidadãos de segunda categoria? Será que gostamos mesmo da nossa pele, do nosso cabelo, do nosso nariz, da nossa boca, do nosso corpo, do nosso jeito de ser? Será que nesses 120 anos de abolição conquistamos o direito de entrar e sair dos lugares como qualquer cidadão digno que somos? (SOUZA, 2008)

O trecho acima foi a última publicação da Neusa em vida. Ele traz uma série de provocações importantes sobre o racismo como dado estruturante das relações, uma vez que questiona a continuidade do trauma colonial na atualidade

A última pergunta, remete-nos ao programa Espelho, onde Neusa narra um episódio de racismo recente, em que foi a uma galeria de arte, fez perguntas sobre uma obra e o vendedor não acreditou que ela teria dinheiro para comprar.

Neusa era colecionadora de arte⁶, nunca se deixou determinar mesmo quando os espaços em que circulou (universidade, psicanálise, psiquiatria, etc) tinham e têm um sotaque europeu.

Ainda assim, produziu sobre o tema das relações raciais e, em seguida, sobre psicose e a clínica psicanalítica, pois tinha assuntos a abordar para além da temática das relações raciais.

No entanto, como será que conseguia tratar o racismo se o vivenciava? O que aconteceu com ela após escutar em seu consultório por décadas sobre os efeitos mais nefastos do racismo? Será isso que a faz querer morrer?

6- Racismo: Por que se matou a psicanalista negra que fazia sucesso no Rio?: <https://www.geledes.org.br/racismo-por-que-se-matou-psicanalista-negra-que-fazia-sucesso-no-rio/amp/>

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.25 n.44
Jul/dez 2020
e-ISSN: 2179-8001

Segundo o Ministério da Saúde (2016)⁷, temos o seguinte dado: a cada dez jovens, de 15 a 29 anos, que se matam, seis são negros. Logicamente, como nos ensina Neusa, temos que ler esses dados caso a caso, contudo, não podemos ignorar os efeitos do racismo como uma condição que contribuiu para o suicídio de Neusa e tantos outros jovens negros. Portanto, os efeitos do racismo e suas sequelas no desejo podem ser uma morte em vida, que nos mata aos poucos

Acreditamos que a genialidade de Neusa está na maneira como subjetivou os atravessamentos do sistema racial, por apostar nas elaborações singulares. Nesse sentido, a clínica se torna o espaço privilegiado, para operar nessas dimensões sensíveis e reverter os números apresentados anteriormente.

Para isso, é preciso uma psicanálise atenta aos marcadores sociais de diferença (raça, gênero, classe e orientação sexual), aberta ao diálogo com os estudos feministas negros, queer, LGBTTT+, antirracistas, etc; aberta às perspectivas exteriores a ela. A clínica psicanalítica que não está atenta aos marcadores precisa passar por uma análise, pois a não escuta dessas diferenças, ou ainda, a sua não colocação como estruturante da subjetividade, mas como do registro imaginário, indica uma falha ética, pois: que psicanálise é essa? Que psicanalistas seríamos nós?

Portanto, é preciso uma psicanálise da diferença colonial, até para que a clínica psicanalítica não se agarre ao narcisismo das grandes indiferenças e possa enfim garantir a escuta das singularidades.

2. A história da psicanálise e a presença negra

Fui convidada
para vir aqui hoje.
Mas, sinto que
não há nada de novo
que eu possa dizer.

Muitas vezes,
Sinto que tudo
já foi dito.

Sinto que
Já sabemos de tudo
mas tendemos
a esquecer,
do que sabemos. (KILOMBA, 2019a, p. 15)

7- A publicação completa pode ser acessada no link http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/obitos_suicidio_adolescentes_negros_2012_2016.pdf

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.25 n.44
Jul/dez 2020
e-ISSN: 2179-8001

Quando podemos dizer que conhecemos algo verdadeiramente? Que temos um conhecimento verdadeiro? Pergunta vaga, semelhante a perguntar quando conhecemos uma cidade: pelos seus pontos turísticos, seus cartões-postais, centro histórico e moradores? Ou pelas vielas, ruas sem saída e becos? Será que é nos limites geográficos que conhecemos uma cidade? Onde residiria a verdade de uma cidade, de um campo de conhecimento, aquilo que ele guarda de mais singular? Essa pergunta é essencial para a história da psicanálise brasileira e o campo de estudos de relações raciais, mesmo que tendamos a esquecer alguns dos seus autores.

Dentro dessa história, vale a pena resgatar duas das principais psicanalistas negras: Virginia Bicudo e Neusa Santos Souza; além de falar do psiquiatra negro Juliano Moreira, um dos primeiros de que se tem registro a trazer as ideias de Freud para o Brasil. Neste trabalho daremos mais ênfase às obras de Neusa Santos Souza.

2.1. Neusa Santos Souza e a psicanálise a enegre-ser

A vida de Neusa Santos Souza ficou marcada por dois fatos: o livro que falaremos adiante, *Tornar-se negro* (1983), e sua morte trágica, Neusa se suicidou no sábado, dia 20 de dezembro de 2008, no Rio de Janeiro, no ano de comemoração dos 120 anos da abolição da escravidão com a Lei Áurea.

Nascida em Cachoeira (BA), em 1948, morreu com cerca de 60 anos de idade, jogando-se do edifício onde vivia em Laranjeiras. Ela deixou apenas um pequeno bilhete pedindo desculpas aos poucos amigos do peito por sua decisão radical.

Mais adiante, comentaremos sobre: sua inserção dentro da história da psicanálise e das psicanalistas negras; duas de suas obras “A psicose” um estudo lacaniano” (1991) e “Tornar-se negro” (1983) e comentaremos ao longo do texto sobre a sua última entrevista ao programa *Espelho*, exibida em 2009, um pouco depois da sua morte.

Não nos furtaremos a tecer algumas análises sobre o necessário enegre-ser da psicanálise.

Em “Tornar-se negro” (1983), Neusa faz um importante questionamento sobre a omissão na história da psicanálise do Brasil sobre a temática das relações raciais que, no mínimo, opera um silenciamento conivente com o racismo estrutural, ou na melhor das hipóteses, podemos fazer um paralelo com o conceito freudiano de narcisismo das pequenas diferenças, de maneira que muitos psicanalistas sofreriam de narcisismos das grandes indiferenças ao adotar um sotaque europeu para construir as bases psicanalíticas, sem conseguir escutar os efeitos da colonialidade que atravessam a realidade do Brasil de três séculos de escravização e do fato de que a maioria da população é negra.

Nesta perspectiva, para entendermos a história pessoal de Neusa Santos Souza, é preciso observar onde ela se inscreve na série de apagamentos das influências negras na história da psicanálise brasileira:

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.25 n.44
Jul/dez 2020
e-ISSN: 2179-8001

No que diz respeito à difusão, a psicanálise deu suas caras no ano de 1899, por meio de Juliano Moreira, professor catedrático na Faculdade de Medicina de Salvador. Em conferência, Moreira foi o primeiro brasileiro a citar artigos científicos de Freud, quando a prática clínica da psicanálise ainda não havia sido estabelecida em Viena (OTAVIO, 2018, p. 92)

A história de invisibilidade negra na psicanálise no Brasil, começa com o psiquiatra negro baiano, Juliano Moreira. Ele foi o primeiro a citar e incorporar Freud no curso de medicina, antes mesmo da psicanálise estar com suas bases consolidadas e ser amplamente difundida na Europa, no fim do século XIX.

Nascido em 1872, Juliano Moreira entrou na Faculdade de Medicina da Bahia com menos de 15 anos de idade e se formou aos 22. É considerado um dos fundadores da psiquiatria no Brasil por suas inovações (ODA & DALGALARRONDO, 2000), sendo um nome importante dentro da constituição do campo de saúde mental, pois em uma época de torturas nomeadas como tratamentos médicos em manicômios, ele humanizou o cuidado e acabou com o aprisionamento dos pacientes no Hospício Nacional dos Alienados (RJ), visto que olhava para o sofrimento psíquico para além das causas orgânicas (idem).

Outra figura importante na história da psicanálise brasileira, foi uma mulher negra chamada Virgínia Leone Bicudo que no início de 1930, foi a primeira pessoa a ser analisada na América Latina.

Virgínia Leone Bicudo nasceu em 1910 em Ribeirão Preto (SP) e morreu em 2003 em São Paulo. Neta de pessoas escravizadas,

O pai de Virgínia, Teófilo Bicudo, era negro, havia nascido de "ventre livre". Sendo afilhado do importante fazendeiro de café em Campinas, Coronel Bento Bicudo, recebeu sua ajuda para a formação escolar em São Paulo e para a sua admissão na companhia de Correios e Telégrafos, da qual se tornou um alto funcionário. A avó paterna de Virgínia, Virgínia Júlio, nasceu escrava e foi posteriormente alforriada; enquanto que a mãe de Virgínia, Joana Leone, era branca e vinha de uma família pobre de imigrantes italianos: os Leone. (MUSATTI-BRAGA, 2016)

Em entrevista para o jornal Folha de São Paulo, em 1994, conta como a valorização dos estudos foi a forma com que conseguiu ascender socialmente. Ela se formou em Sociologia, defendendo uma das primeiras teses sobre relações raciais em 1945.

Foi responsável pela introdução de Melanie Klein no Brasil, uma das precursoras da introdução da psicanálise no Brasil e a primeira psicanalista formada não médica (MUSATTI-BRAGA, 2015). Isso foi motivo de um episódio de humi-

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.25 n.44
Jul/dez 2020
e-ISSN: 2179-8001

Ihação em um congresso, por ser uma psicanalista que não era da medicina, foi propagandeada como charlatã.

Em 1955, mudou-se para a Inglaterra e voltou ao Brasil apenas na década de 1960, sendo finalmente reconhecida pelo seu trabalho, porém, os episódios de racismo que sofreu e sua negritude ainda permanecem invisibilizados (MUSATTI-BRAGA, 2016).

Mais contemporaneamente, chegamos à Neusa Souza Santos. Comentaremos adiante dois de seus livros: “Psicose - um estudo lacaniano” (1991) e “Tornar-se negro” (1983).

2.1.1. Psicose – um estudo lacaniano

A psicose é lida no senso comum como sinônimo da loucura no sentido de perda total de contato com a realidade, associada a alucinações auditivas-verbais-visuais, delírios etc. No entanto, Freud, com os escritos de Schreber (1984), oferece-nos outro entendimento e Lacan, vai mais além, ensinando como a normalidade é uma versão da psicose.

Neusa escreve sobre uma teoria clínica lacaniana das psicoses, a partir da formulação de três registros (simbólico, imaginário e real) que “são três dimensões do espaço habitadas pelo falante”. Assim ela descreve a psicose:

Da psicose poder-se-ia dizer, com Lacan, que ela é um drama no coração do simbólico. Um drama encravado aí nesse centro estilhaçado, lugar único e múltiplo, encruzilhada onde se topam o sujeito e o significante, zona de encontro onde se realiza o que, para o falante, é da ordem do possível (SOUZA, 1991, p.9).

Para entendermos a psicose, é preciso entender o que seria o registro simbólico. É possível compreender o registro simbólico como o plano da cultura, da Lei que fundamenta a ordem simbólica e, principalmente, da articulação e vínculo.

Neste sentido a psicose é um processo de subjetivação a partir da Foraclusão da metáfora paterna, uma estruturação subjetiva que implica uma relação com a linguagem em que os significantes vêm em avalanche de significações reduzidos a signos vazios de sentido, “o sentido é esse a mais que envolve e permeia a significação, constituindo-a como verdade não-toda, saber não absoluto” (idem, p. 17).

Há uma história que ilustra a relação da psicose com a linguagem. O escritor James Joyce foi se consultar com Jung, por conta das crises psicóticas de sua filha. Jung sugeriu a Joyce que incentivasse sua filha a escrever, e Joyce diz a Jung que ela escrevia de maneira parecida a ele, no que Jung teria respondido: “no mar que você nada, sua filha se afoga”.

O psicótico é “um sujeito dilacerado por sentimentos de perdição e errância, um sujeito à deriva, sem arrimo do significante, um ser desvalido de todo porto, de todo ponto de referência” (idem).

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.25 n.44
Jul/dez 2020
e-ISSN: 2179-8001

Portanto, a riqueza desse livro de Neusa, está em demonstrar que não se trata de adequar o psicótico a um referencial de uma suposta normalidade, ideia por si só psicotizante, mas de que possa aprender com esses que “a linguagem está fora, se forma no Outro, fala sozinha e impõe suas leis” (idem, p. 25), isto é, por mais que achemos que nós conduzimos as palavras, são elas que nos carregam, somos mais falados do que falamos, mas sobre isso não queremos escutar, é a surdez da neurose.

2.1.2 Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social

Em 2008, Neusa dá uma entrevista ao programa Espelho, exibida em 2009. Uma das perguntas direcionadas a ela é o porquê, depois do livro “Tornar-se negro”, não teria escrito mais sobre a questão das relações raciais, ela responde que esse livro foi escrito quando estava em intenso diálogo com o movimento negro e que acreditava que naquele momento, haveriam outras vozes a serem escutadas.

Ainda na comparação com as cidades, o cartão postal de Neusa Souza Santos é o seu livro “Tornar-se negro” (1983), resultado de sua dissertação de mestrado, que representa seu anseio e “tentativa de elaborar um gênero de conhecimento que viabilize a construção de um discurso do negro, no que tange à sua emocionalidade” (SOUZA, 1983, p. 17).

Logo no início do livro, ela escreve: “Uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo. Discurso que se faz muito mais significativo quanto mais fundamentado no conhecimento concreto da realidade” (SOUZA, 1983, p. 17). Falar em nome próprio, assim como, escrever com suas próprias palavras é um exercício clínico na medida em que nos libertamos daquilo que reproduzimos sem saber e acabamos por não produzir singularmente.

O pioneirismo do livro em questão não se dá apenas pela análise psicanalítica do discurso de mulheres e homens negros sobre o racismo, mas também pelo diálogo que ele possibilita fora da clínica.

A tradição psicanalítica brasileira hegemônica desconsidera a importância estruturante do elemento das relações raciais na constituição subjetiva e, conseqüentemente, possui uma produção teórica-clínica bastante aquém, o que evidencia o fato de que os psicanalistas pouco se propõem a um diálogo sobre psicanálise e racismo.

Tal indisposição não é privilégio do campo psicanalítico, é sintoma do racismo como dado estruturante das relações, o que significa pelo menos quatro coisas:

O racismo estrutura, a formação do Estado brasileiro e o modo como as relações se forjaram na sociedade ainda se dá no modelo colonial-escravocrata. O racismo continua a moer gente, visto que não só produz sofrimento psíquico na população negra, como também, autoriza sua morte ele está naturalizado na cultura, de modo que o silêncio dentro das instituições psicanalíticas, por exemplo, faz parte da manutenção do racismo acontece através de uma relação dialética, não sendo uma questão só do negro, mas de toda a sociedade, pois produz algo monstruoso na branquitude que humilha, agride, guetifica, invisibiliza, etc; a violência fundante da nossa tradição colonial

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.25 n.44
Jul/dez 2020
e-ISSN: 2179-8001

é estruturante das relações raciais, os efeitos dessa tradição em nossa realidade tornam-se insuperáveis sem um trabalho voltado para a subjetividade por fim, o ponto principal para nós é que ele se atualiza, como diz Neusa:

Neste sentido, o estudo sobre as vicissitudes do negro brasileiro em ascensão social levou-nos, incoercivelmente a refletir sobre a violência. A violência parece-nos a pedra de toque, o núcleo central do problema abordado. Ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarnar o corpo e os ideais de eu do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro, (SOUZA,1983, p. 2)

É inegável a constatação de que a origem colonial-escravocrata da América Latina é algo marcante nos processos de subjetivação, estando presente em todas as camadas da sociedade, inclusive, deixando sequelas no desejo.

Neusa descreve o processo de colonização do inconsciente pela via da racialização, onde, através das violências, produz-se no negro uma dupla alienação da sua condição: a de odiar as marcas da negritude (cabelo, boca, pele, nariz, Exu, as religiões de matriz africana, etc), sua ancestralidade em si e, ao mesmo tempo, em que se produz na população negra o desejo de ser branco (SOUZA, 1983).

Fanon (2008), um dos autores que influenciaram Neusa, psiquiatra negro martinicano, denuncia como as vivências cotidianas do racismo produzem sofrimento psíquico e uma perda de si. Isso significa que o cuidado em saúde mental tem de levar em conta a dimensão social/racial do sofrimento.

Porém, será que os psicanalistas brasileiros são capazes de escutar o racismo na sua dimensão estruturante? Se não, "que psicanálise é essa? Que psicanalistas são esses?" (SOUZA, 1983, p. 16).

Na entrevista do programa Espelho, quando questionada sobre quais seriam as principais causas do sofrimento psíquico no negro do Brasil, Neusa dá uma resposta ética. Ela diz como a psicanálise não se debruça sobre generalidades, mas que é uma escuta clínica sobre o singular, onde temos que olhar caso a caso, ou seja, ela quebra com o espelho em que o analista negro sabe de antemão sobre o racismo do paciente, quando o que nos interessa no sistema racial "é saber como funcionamos nele e como ele funciona em nós". (idem, p. 81).

O livro de Neusa é preciso em mostrar, por meio dos relatos, que não há um dentro e um fora do campo das relações raciais, mas que todxs nos subjetivamos a partir dele. Nesse sentido, a psicanálise brasileira parece ter escolhido "uma atitude cúmplice ou complacente ou, no melhor dos casos, indiferente"(idem, p. 16). Em parte, esse livro é uma resposta a essa flácida omissão: "Escuta, Psicanalista!" (idem).

Por outro lado, Neusa vai além de responder a um Outro, elaborando uma tese que defende que falar da cor não é só falar de sofrimento, mas também da potencialidade de enegre-ser, resgatando a história de vitórias (quilombos, por

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.25 n.44
Jul/dez 2020
e-ISSN: 2179-8001

exemplo) e ressignificando a experiência da negritude como uma condição fora do campo de subalternidade.

Portanto, apesar das narrativas do livro que falam da dupla injunção, rejeitar a origem negra e se embranquecer para conseguir ascender socialmente,

A construção de uma nova identidade é uma possibilidade que nos aponta esta dissertação, gerada a partir da voz de negros que, mais ou menos contraditória ou fragilmente, batem-se por construir uma identidade que lhe dê feições próprias, fundada, portanto, em seus interesses, transformadora da História - individual e coletiva, social e psicológica. (idem, p. 78)

Considerações finais -"Contra o racismo o estrangeiro de toda parte"

Como escutar à diferença que nos atravessa? Talvez seja necessário começar cortando os ouvidos para aprender a ouvir com os olhos (NIETZSCHE, 2011). A apreensão da diferença se dá no campo das intensidades, do horizonte desejante, não pela via da extensão.

A diferença é a natureza da força, assim sendo a diferença existencial é um exercício, só se existe em ato; portanto, é necessário um pragmatismo para pensar o exercício dessa diferença (DELEUZE, 1988).

O efeito do trauma colonial na política do desejo é o repúdio à diferença existencial, de maneira que Neusa Santos Souza faz uma defesa veemente ao estrangeiro:

Pudesse o sujeito dizer sim ao estrangeiro, esse passageiro da diferença e o estranho haveria de se conjugar não com o desalento mas aliar -se com a afirmação do múltiplo. Só assim o estranho viria se definir como afirmação alegre da diferença verdadeiro antídoto contra toda forma de racismo. Contra o racismo o estrangeiro de toda parte, o estrangeiro do interior e do exterior de nós mesmos. (SOUZA, 1998, p. 163)

No texto, Neusa se pergunta sobre qual seria nossa condição universal senão a do estrangeiro. De modo que todo encontro analítico é uma ferida narcísica a partir do estranho familiar (Unheimlich).

A vocação do dispositivo analítico é criar condições de escuta das diferenças que se agitam na constituição de nossa subjetividade. Elas se fazem presentes através de um mal-estar.

As diferenças às quais me refiro não tem um sentido identitário, estabelecido a partir da perspectiva da representação - as supostas

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.25 n.44
Jul/dez 2020
e-ISSN: 2179-8001

características específicas de cada indivíduo ou grupo, que os distinguiriam de todos os outros. Ao contrário, refiro-me às diferenças no sentido daquilo que justamente vem abalar as identidades, estas calcificações de figuras, opondo-se à eternidade. O inatural, o intempetivo. Diferenças que fazem diferença. (ROLNIK, 1995, p. 1)

Em uma perspectiva mais nietzscheana da psicanálise (NIETZSCHE, 1998), podemos dizer que a análise opera uma transvaloração dos valores, o que não significa colocar um valor no outro, mas a análise como um modo de avaliar e instaurar valores, escutar o modo de produção de valores, ou ainda, mudar a relação da vida com os valores que ela mesma cria (PELBART, 2019).

Nesta perspectiva, a colonialidade produz um rebaixamento do conceito de diferença por meio do racismo, constrói-se o diferente em relação ao referencial do ideal da branquitude, essas diferenças são hierarquizadas e ambos os processos se dão por meio da violência colonial (FANON, 2010).

A diferença é o espaço do pensamento sem imagem, a representação é o espaço da imagem do pensamento. Representação é a submissão da ideia de diferença à identidade, é preciso liberar a noção de diferença dessa leitura.

A perspectiva da diferença é pluralista, imanente e ética, avalia a vida a partir das condições da vontade de potência que são afirmadas ou negadas, e não bom ou mau pra vida, valores transcendentais, a avaliação vai remeter às condições de possibilidade daquela avaliação, os graus de exame, a vida como critério de avaliação de todos os valores.

A clínica da diferença é a constituição de um espaço ideal alternativo do pensamento, alternativo ao da imagem do pensamento, da representação, construindo uma filosofia da diferença, fazendo uma colagem de pensamento, a criação de um duplo que comporte a modificação própria do duplo, um duplo dessemelhante, criação de torções (DELEUZE, 1988).

Nesse sentido, o desvio para diferença é o desvio da ideia de representação, vontade de potência da afirmação da diferença: tudo que se fizer, faça com vontade, tudo que desejar queira de determinada maneira que deseje seu eterno retorno (NIETZSCHE, 1998).

O silêncio e o silenciamento na e da psicanálise sobre o campo das relações raciais, em vista de uma suposta neutralidade analítica, indica a necessidade da psicanálise voltar à análise, passar por um banho do Real, até que possa escutar o estrangeiro o qual atravessa o discurso analítico e é silenciado pela colonialidade.

O estranho é como esse território existencial tão familiar que se cria no encontro. Um espaço de criação, como disse Neusa, de modo a “poder dizer sim ao estrangeiro, esse passageiro da diferença e o estranho haveria de se conjugar, não com inquietude, desalento, dor e medo, paixões tristes, mas aliar com a alegria do novo, com a afirmação trágica do plural, do diferente” (SOUZA, 1998, p. 163).

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.25 n.44
Jul/dez 2020
e-ISSN: 2179-8001

Referências

- BICUDO, Virgínia Leone. *Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo*. São Paulo: Sociologia e Política, 2010.
- BICUDO, Virgínia Leone. Já fui chamada de charlatã. Depoimento a Cláudio João Tognolli. *Folha de São Paulo*, São Paulo, Caderno Mais, p. 6, 5 de jun. de 1994. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/fsp/1994/06/05/72> .
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- EU não sou seu negro (I am not negro). Direção de Raoul Peck. França, Estados Unidos da América e Bélgica: Magnolia Pictures Amazon Studios, 2016 (96 min.).
- FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FANON, F. *Os condenados da terra*. Coleção Cultura, v. 2. Juiz de fora: Ed. UFJF, 2010.
- FREUD, S. (1915) O inconsciente. Edição Standard Brasileira das obras completas, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- GONZALEZ, L. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. In: SILVA, L. A. et al. Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. Ciências Sociais Hoje, Brasília, ANPOCS n. 2, p. 223-244, 1983.
- KILOMBA, G. *Descolonizando o conhecimento - Uma Palestra-Performance*. Tradução de J. Oliveira. 2016, Disponível em: https://www.geledes.org.br/descolonizando-o-conhecimento-uma-palestra/?gclid=EAiaIQobChMIj6jUtNbm6gIViYeR-Ch3wJAyvEAAYASAAEgJEHPD_BwE
- KILOMBA, G. *Grada Kilomba: desobediências poéticas*. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2019a.
- KILOMBA, G. *1968 - Memórias da plantação - Episódios de racismo cotidiano*; Tradução Jess Oliveira, Rio de Janeiro, RJ, 2019b.
- MUSATTI-BRAGA, A. P. M. Pelas trilhas de Virgínia Bicudo: psicanálise e relações raciais em São Paulo. *Lacuna: uma revista de psicanálise*, São Paulo, n. -2, p. 1, 2016. Disponível em: <https://revistalacuna.com/2016/12/06/n2-01/>
- MUSATTI-BRAGA, A. P. M. Os muitos nomes de Silvana: contribuições clínico políticas da psicanálise sobre mulheres negras. Tese (Doutorado), IPUSP, 2015.
- NIETZSCHE, F. W. A genealogia da moral. Trad. de Paulo C. de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
- NIETZSCHE, F. W. Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- ODA, A. M. G. R. & DALGALARRONDO, P. Juliano Moreira: um psiquiatra negro frente ao racismo científico. *Rev. Bras. Psiquiatr.* [online]. 2000, vol.22, n.4, pp.178-179. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462000000400007&lng=en&nrm=iso
- OTÁVIO, R. C. *Pintando o setting: considerações sobre desdobramentos, dimensões e condições contemporâneas do enquadre clínico psicanalítico*. Dissertação (Mes-

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.25 n.44
Jul/dez 2020
e-ISSN: 2179-8001

trado), Unesp- Assis, 2018.

PELBART, P. P. O mimimi como categoria biopolítica. *Cadernos de Subjetividade*. (PUCSP), v. 20, 2019.

ROLNIK, S. O mal-estar na diferença, *Anuário Brasileiro de Psicanálise* no 3:97-103. Relume-Dumará, Rio de Janeiro, 1995.

SCHREBER, D.P. - *Memórias de um doente dos nervos*, Graal, Rio de Janeiro, 1984.

SOUZA, N. S. *A psicose: um estudo lacaniano*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

SOUZA, N. S. O estrangeiro: nossa condição. In: KOLTAI, Caterina (Org.). *O estrangeiro*. São Paulo: Escuta, 1998.

SOUZA, N. S. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1983.



Kwame Yonatan Poli dos Santos

Psicólogo da Unesp- Assis, com mestrado na mesma instituição. Capoeirista do grupo Angoleiros do sertão. Possui três livros publicados: "Transverso, Nasce um desejo", "Feliz para sempre?". Em 2018, ganhou o prêmio "Jonathas Salathiel", promovido pelo CRP-SP. Tem experiência profissional em políticas públicas. Foi supervisor institucional de profissionais do Sus e do Suas. Atualmente, compõe o coletivo Margens Clínicas, grupo de psicanalistas e psicólogos que atuam no enfrentamento à violência de Estado, atua como psicanalista, articula o projeto "Aquilombamento das Margens" e cursa o doutorado no Núcleo de Subjetividade do Programa de Pós-Graduação de Psicologia Clínica da PUC-SP.